



Relatos orais e reflexões sobre a experiência da gestação e construção do bebê imaginário

Daniel Raylander da Silva Rodrigues

danihugo_12@hotmail.com

Eduardo Lúcio Franco

eduardo51franco@yahoo.com.br

Karoline Freire Kosac

karolinekosac@gmail.com

Lila Louise Moreira Martins Franco

lilaprofessora@yahoo.com.br

Marluce Martins Machado da Silveira

marluce.machado@gmail.com

Priscila Maria Álvares Usevicius

priscila_usevicius@hotmail.com

Faculdade de Medicina, Odontologia e Fisioterapia UniEVANGÉLICA

Resumo

Entende-se que a gestação corresponde a um momento crítico no ciclo de vida dos casais. Aspectos biológicos e psicológicos fazem interfaces complexas, muitas vezes ambivalentes. Este trabalho discute sobre a gestação no que se refere à construção do bebê imaginário e a confrontação com o bebê real feito pela mãe durante a gestação e no pós-parto, assim como as interferências dos diversos agentes familiares e sociais na construção da relação entre mãe, pai e filho. Trata-se de um estudo exploratório com resultados preliminares quanto ao relato de mães, gestantes ou com filhos menores de dois anos de idade e moradoras do município de Anápolis, Goiás, Brasil. Durante a entrevista abordou-se os sentimentos e expectativas sobre as dimensões de complexidade da gravidez por meio dos relatos orais e reflexões, no que se refere às dimensões biológica, psicológica e social; e relação com o pai da criança. A análise do conteúdo dos relatos orais partiu do referencial teórico quanto à gestação pautado paralelamente a teoria da pesquisa qualitativa. A partir deste estudo sugere-se que o bebê imaginário, o acolhimento da gestante



pela família e a co-participação do pai durante a gestação enquanto papel do homem tem impactos para a futura interação do trinômio mãe-filho-pai, com destaque para outras questões interligadas que surgiram a partir dos relatos orais, como a gravidez na adolescência, as alterações no corpo, mudança das relações interpessoais, ambivalência afetiva, futuro profissional, opção pelo sexo do bebê, e representação feita do bebê. A investigação qualitativa possibilitou a produção de sentidos para além do que estava proposto, ampliando a discussão com relação à temática central e proporcionando uma diversificação quanto a possíveis outros aspectos a serem estudados futuramente.

Palavras-chave: Relatos orais; Gravidez; Bebê imaginário e real; Estudo qualitativo.

Abstract

It is understood that pregnancy represents a critical moment in the life cycle of couples. Biological and psychological interfaces are complex, often ambivalent. This academic paper briefly discusses the construction of the imagined baby in the pregnancy, and the confrontation with the real baby made by the mother after the postpartum; as the same way, discusses about the interferences in the several familiar and social agents, on the relationship's construction between the mother, father and son. It is an exploratory study with preliminary results about mother's reports, who were pregnant or with child less than two years-old and residents of the city of Anápolis, Goiás, Brazil. During the interview dealt with the feelings and expectations about the complexity of motherhood through oral reports and reflections regarding to biological, psychological and social dimensions; and parent's relationship. A content analysis of oral reports came from theoretical referential of pregnancy, ruled alongside the theory of qualitative research. From this brief survey suggests that the imagined baby, the mother of the host family and co-participation of the father during pregnancy, have an important impact for the future interaction of the triad mother-father-son, highlighting other interrelated issues that came from the oral reports, as teenage pregnancy, the body changes, changes in interpersonal relationships, affective ambivalence, future career, choice of sex of the baby, and the representation made of the baby. The qualitative research enabled the production of meanings beyond what was proposed, extending the discussion about the central theme and providing a diversification for other aspects that can be studied in future.

Keywords: Oral reports; Pregnancy; Imaginary baby; Real baby, Quality research.



Resumen

Se entiende que el embarazo representa un momento crítico en el ciclo de vida de las parejas. Interfaces biológicos y psicológicos son complejos, a menudo ambivalentes. Este artículo discute el embarazo en relación con la construcción de un bebé y la confrontación con el bebé real hecho por la madre durante el embarazo y después del parto imaginario, así como la interferencia de varios familiares y los agentes sociales en la construcción de la relación entre la madre padre e hijo. Se trata de un estudio exploratorio con resultados preliminares sobre los informes de las madres, mujeres embarazadas o niños menores de dos años de edad y residentes de la ciudad de Anápolis, Goiás Estado. Durante la entrevista encubrió los sentimientos y las expectativas sobre las dimensiones complejidad de embarazo por medio de informes orales y reflexiones en relación a la relación biológica, psicológica y social, y con el padre del niño. Un análisis del contenido de los informes orales vino teórica del embarazo guiada teoría paralelo de la investigación cualitativa. A partir de este estudio se sugiere que el bebé imaginario, la mujer embarazada de la familia de acogida y la co-participación del padre durante el embarazo, el papel masculino tiene repercusiones para la futura interacción tríada madre-hijo-padre, poniendo de relieve otras cuestiones interconectado que surgió de los informes orales como el embarazo adolescente, el cuerpo cambia, los cambios en las relaciones interpersonales, la ambivalencia afectiva, futuro profesional, la elección del sexo del bebé, y la reclamación presentada bebé. La investigación cualitativa permitió la producción de significado más allá de lo que se propuso la ampliación de la discusión sobre el tema central y proporcionar la diversificación de otros posibles aspectos que podrían estudiarse en el futuro.

Palabras clave: Informes orales; Embarazo; Bebé real y lo imaginário; Estudio cualitativo.

Introdução

Este trabalho discute sobre a construção do bebê imaginário e a confrontação com o bebê real feito pela mãe durante a gestação e no pós-parto, assim como as interferências dos diversos agentes familiares e sociais na construção da relação entre mãe, pai e filho.

Os relatos apresentados referem-se à entrevista semi-estruturada elaborada pelas docentes da disciplina de Comunicação em Habilidades Médicas do Curso de



Medicina da UniEVANGÉLICA no município de Anápolis, no segundo semestre de 2011. As entrevistas abordaram os sentimentos e expectativas sobre as dimensões de complexidade da gravidez e tiveram a duração média de 50 minutos. Trata-se de um estudo exploratório com resultados preliminares quanto ao relato de gestantes ou mãe com filhos menores de dois anos de idade e moradoras do município de Anápolis, estado de Goiás, Brasil.

A análise de conteúdo feita sobre os relatos orais partiu do referencial teórico quanto à gestação pautado paralelamente a teoria da pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2007, p. 303) “[...] análise de conteúdo diz respeito a técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos”.

As entrevistadas foram desidentificadas e denominadas por E1, E2 e E3. E1, 20 anos, solteira, relacionamento estável com o pai da criança, ensino superior incompleto e nível sócio-econômico médio-alto. E2, casada, 26 anos, ensino superior completo e nível sócio-econômico médio-baixo. E3, casada, 26 anos, gestante do segundo filho, ensino médio completo.

Para tanto, o trabalho explora as dimensões de complexidade da gravidez por meio dos relatos orais e reflexões, no que se refere às dimensões biológica, psicológica e social; e relação com o pai da criança. E por fim, destaca-se o papel fundamental da pesquisa qualitativa em contribuir para a compreensão das subjetividades implícitas na fala das entrevistadas e sobre a possibilidade de ampliação para futuros estudos.

1.1. Dimensões de Complexidade da Gravidez

A gestação corresponde a um momento de intensas transformações no organismo materno, sejam elas orgânicas (Montenegro & Rezende Filho, 2010; Tedesco & Mauad Filho, 1997), psicológicas (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004) e sociais (Braga, 2010). Todo este complexo universo produz diversos impactos neste período do ciclo de vida do casal ou da própria mulher. Os impactos são traduzidos nas atitudes dos sujeitos diretamente envolvidos e nas relações estabelecidas pelo trinômio mãe-filho-pai, apesar da grande maioria dos autores ainda não enfatizarem o papel do homem.



1.1.1. Dimensão Biológica

Montenegro & Rezende Filho (2010) descrevem as alterações biológicas no organismo materno. Dividem as alterações em modificações sistêmicas e dos órgãos genitais: (1) posturais e de deambulação; (2) metabólicas; (3) cardiovasculares; (4) sanguíneas; (5) urinárias e genitais; (6) respiratórias; (7) digestivas; e (8) endócrinas. Tedesco & Mauad Filho (1997) corroboram que as alterações orgânicas são notórias e decorrentes das modificações e adaptações que o organismo materno sofre para receber o conceito, assim como oferecem alternativas farmacológicas de abordagem e controle das queixas durante a gestação. Características estas observadas no relato de E2, quando, em relação às mudanças físicas em seu corpo declarou, *“Estou me adaptando às mudanças, mas o fato de engordar me incomoda”*.

1.1.2. Dimensão psicológica e social

Para além da abordagem puramente biológica, Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge (2004), descrevem que a partir do momento de percepção, consciente ou inconsciente, a gravidez inicia uma formação da relação materno-filial. A partir deste momento se instala a vivência básica da gravidez, que é a ambivalência afetiva, onde este fenômeno é significativo. Além dessa, a gravidez implica na perspectiva de grandes mudanças interpessoais e intra-psíquicas. Evidentemente, a maternidade envolve perdas e ganhos, justificando o surgimento de sentimentos opostos. Os sentimentos ambivalentes foram notados com relativa clareza no discurso de E1, a qual afirmou que *“Foi horrível...no início, né!? Foi muito ruim, porque eu estava perdida. Não sabia o que eu fazia, se eu falava para minha mãe ou se eu esperava mais, eu fiquei perdida”*, bem como no relato de E3, a qual ao descobrir sua gravidez, qual não fora planejada, afirmou *“depressão... quase entrei em depressão. Mas com o tempo me acostumei e amei a ideia”*. Estes achados convergem com a afirmação de ambivalência, isto é, há contradições nos discursos imediatos à resposta inicial. Os impactos psicológicos e sociais podem ser aumentados caso esta mãe seja adolescente, fato constatado quando E1 descreveu que *“durante a minha gravidez eu me sentia muito inferior, porque eu me achava muito nova e todo mundo saía e eu não gostava de sair porque eu achava que poderia prejudicar o meu bebê”*.

A OMS (1999) conceitua a adolescência como a fase da vida compreendida entre os 10 e 19 anos de idade, considerando a mãe como tal por ocasião do parto. Braga (2010) descreveu que a gravidez na adolescência, para além de



uma questão obstétrica ou de saúde pública, tende a ser vista como problema. Pontua que diferentemente das gestações que ocorrem nas uniões estáveis, estas tendem a ser vistas com desprezo pelos familiares, provocando eventualmente a expulsão de casa, o afastamento da escola e a limitação das oportunidades profissionais. E1 falando sobre os momentos mais difíceis durante a gravidez citou que um dos entraves se deu no seu próprio lar “[...] foi a minha irmã. Ela implicou com isso, implicou com meu namorado, falava que a culpa era dele. Ela morava junto comigo, e falava muito”. Infere-se que E1 também se viu confrontada com dificuldades de relacionamento interpessoal, sobretudo quando descreve a dificuldade de relacionamento com a irmã. Por outro lado, recebeu forte apoio de familiares e círculo de amigos, afirmando que “Desde o início houve apoio dos meus amigos, dos meus pais. As outras pessoas que me apoiaram muito também foram meu namorado, minha sogra e meu sogro”. Ressalta-se que o acolhimento, diferentemente das críticas produzidas por sujeitos conservadores, promove bem estar e aceitação daquela condição.

Como resultado da combinação, observamos percalços no futuro desta adolescente, quer sejam profissionais ou intelectuais (Costa *et al*, 2005). Apesar das constatações dos autores podemos inferir que aquelas com nível sócio-econômico maior têm os efeitos minimizados. E1, como anteriormente citado é universitária, quando perguntada sobre a relação que tem com o filho afirmou que “[...] minha relação, eu acho difícil julgar porque ele vive com a minha mãe e eu o vejo só nos finais de semana [...] Eu não sei se porque eu vivo longe, por enquanto é assim, não sei se pode mudar”. Entende-se que, apesar de existir vínculo maternal, os impactos na vida da entrevistada são minimizados ao desconforto psicológico de vê-lo apenas nos finais de semana, não tendo sido sequer ventilados durante a entrevista.

Se na adolescência a gravidez é frequentemente indesejada e com fortes impactos negativos no desenvolvimento do sujeito, sobretudo com ênfase nas mães adolescentes, na adultícia “a gravidez é considerada um período de expectativas e ensaios para o que está por vir e, além disso, é tida como uma fase na qual relacionamentos anteriores são reelaborados, onde há um constante confronto entre a satisfação dos desejos e a possibilidade de reconhecer a nova realidade” (Ferrari, Piccinini & Sobreira, 2007, p. 306), fato que pode ser percebido quando E2 diz que “Ao descobrir a gravidez me senti muito feliz, mas senti medo pela responsabilidade que é ter um filho [...]”. Consonni, Calderon, Consonni, & Rudge (2003) aduziram que as mulheres experimentam com a confirmação da gravidez, mesmo desejada, sentimentos de ambivalência que geram conflitos, tais como



rejeição da gravidez e do conceito. Estes sentimentos encontram-se fortemente vinculados ao “movimento subjetivo a ser feito, de mudança de posição – de filha para mãe [...]” (Ferrari, Piccinini & Sobreira, 2007, p. 311). Os sentimentos, mesmo após o parto podem persistir, caso de E1, a qual afirma *“Ele, agora que ele está aprendendo porque está me chamando de mãe, mas eu considero minha mãe mais mãe dele do que eu”*.

Ferrari, Piccinini & Sobreira (2007) afirmaram que outro aspecto psicológico relevante durante a gravidez, refere-se à construção da relação entre o binômio mãe-filho, desde anteriormente à gravidez, nas fantasias da mulher com a possibilidade de ter um filho, como quando E2 aponta que *“Durante a gestação, sempre imaginava meu filho como meu companheiro e amigo quando meu esposo estivesse no trabalho e imaginava que ele seria a cara do pai”*. Essa construção empírica da aparência e caráter também pode ser vista no discurso de E3, *“[...] tinha uma grande expectativa quanto à aparência física, algo como uma ansiedade, cheguei a ter sonhos com isso. Agora que nasceu, meu filho se parece comigo é exatamente da maneira que imaginei [...] Queria que fosse uma pessoa tranqüila, como a personalidade do irmão mais velho, de 14 anos”*.

E1 nos traz as impressões que teve ao constatar de fato a gestação dizendo *“Foi bom porque eu comecei a comprar as coisas para ele, aí eu fui me empolgando [...]”*, porém entrando em conflito quando descobriu o sexo da criança *“Porque no início eu queria menina, e depois que eu fiquei sabendo que era menino, fiquei meio chateada, mas depois meus pais foram conversando comigo e eu acabei preparando as coisas”*. Este aspecto também se fez presente nos relatos de E3, *“A expectativa era pelo sexo feminino, mas ao saber que era menino me senti eufórica, animada, do mesmo jeito”*. Tais conflitos solucionados, bem como a descoberta do sexo da criança e sua aceitação geram conforto e satisfação com o fato. Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge (2004) ressaltaram que esta relação torna-se verdadeira no segundo trimestre de gestação, período em que a mãe sente os movimentos fetais, corroborando com o discurso de E3 de que *“Senti a gravidez de verdade quando o bebê começou a se movimentar”*.

O ultrassom, exame que tem se tornado acessível e de rotina nas consultas pré-natais, oferece subsídios à dimensão psíquica possibilitando “um espaço de elaboração afetiva, permitindo à mãe uma aproximação gradativa com um filho mais real e menos idealizado, resultado que leva em consideração, entre outros aspectos, o modo como o ultra-sonografista intermedeia este momento de relação entre mãe e filho [...]” (Grigoletti, 2005, p. 149). Neste momento de conseqüências



disruptivas, existe a confirmação da gestação e, eventualmente do sexo da criança, assim como elaborações mentais da forma e frustrações maternas quanto ao sexo desejado. E1, em outro momento, imprime suas expectativas e motivações pelas quais aguardava uma criança do sexo feminino, *"Eu queria uma menina. Senti meio frustrada de não ser. Eu não sei explicar. Eu empolguei, parecia que todo mundo falava que seria menina para mim [...]"*, porém pelo gosto do parceiro, elemento relevante na construção da relação do binômio, relatou *"[...] sabe, mas depois, e meu namorado sempre quis menino. Eu não sabia o porquê, mas aí depois veio o sexo e eu me acostumei. Eu achei tão bom que agora só quero menino"*. Diferentemente, E2 relata que *"A expectativa de ter um menino era grande, porque meu marido tem três filhas do primeiro casamento. Ele queria muito ter um menino dessa vez. Fiquei sabendo que era menino pela ultra-sonografia com quatro meses. Fiquei muito feliz"*.

Apesar disso, aquela imagem não implica em desaparecimento do bebê imaginário. A consulta e a avaliação da imagem "assinalam a oscilação entre um tempo quando alguma coisa é perdida e outro em que vai ser logo descoberta" (Grigoletti, 2005, p. 151), ou seja, a imagem do bebê idealizado e do bebê real que será confrontado no momento do parto. A autora conclui que "a influência, na representação do filho por parte da mãe, não é exclusiva da ultra-sonografia, mas de todo o processo que a constitui e não se restringe ao filho imaginário, mas se reporta ao filho real inclusive" (Grigoletti, 2005, p. 155).

1.1.3. Dimensão da Relação com o Pai da criança

Descreve-se o acolhimento como aspecto essencial à política de humanização, isto é, por valorizar a mulher como sujeito autônomo e de direito (Brasil, 2006). Cita que o contexto da gestação é determinante para o seu desenvolvimento, assim como para a relação estabelecida entre os sujeitos familiares (mãe, pai e filho) confirmando o discurso de E1 que dizia "Todos os dias ele escutava, colocava a cabeça na minha barriga, fazia planos, faz ainda". E2 também chega a declarar que "Não tem graça maior que se sentir apoiada pela pessoa que você ama, o pai do meu filho [...]". O que se repete em E3, "ele também ficava imaginando como seria a aparência da criança", respondendo ainda "é muito bom ter um apoio", quando perguntada do significado dessa participação. Ressalta-se que o homem, enquanto pai deve ser estimulado a participar do pré-natal, consultas e atividades em grupo, preparando-se para a chegada do novo componente da família. E1 descreve sua experiência com o apoio paterno como algo incomum



e valoroso, “Olha, todo muito fica encabulado, porque ele é um amor de pessoa comigo, é muito atencioso. Todo o momento ele acompanhou. A gente vive assim, praticamente junto, porque ele mora em (outra) cidade e eu moro aqui, praticamente junto. Tanto antes, quanto depois que eu engravidei foi a mesma coisa. Muito atencioso”. E2 caracteriza a participação do pai como fundamental e afirma “Ele participou o tempo todo da gestação, sempre estava do meu lado. Planejamos juntos a gravidez e isso foi muito importante para mim. [...] Sentia que a ligação dele com o bebê era muito forte”. Estes recortes demonstram claramente a importância do pai durante a gestação, sobretudo na delicada condição de maternidade na adolescência.

Essa importância extrapola os limites da gestação e estão presentes também durante o trabalho de parto. E3, a qual foi acompanhada de seu marido durante seu trabalho de parto, reafirma o sentimento de apoio recebido, sensação essa inexistente no nascimento do primeiro filho “Gostei de ter ele na sala por causa da segurança que ele me trouxe, mesmo com todo medo da situação. Foi melhor que o parto do meu primeiro filho, que estive sozinha”.

Quando se estudam os temas maternidade e paternidade na adolescência, observamos que os estudos abordando a maternidade são bem superiores ao de paternidade, configurando uma tendência apontada pela literatura de reduzida porcentagem de pesquisas sobre paternidade adolescente (Meincke & Carraro, 2009).

1.1.4. Algumas considerações

O presente trabalho contribuiu para um melhor entendimento da gestação, a construção do bebê imaginário e sua confrontação com o bebê real. Diante da singularidade do fenômeno nos diversos olhares dos sujeitos, é fundamental a busca de novas fontes de interpretação e compreensão que são requeridas na proposição da abordagem qualitativa na pesquisa. Nesse sentido, foram observadas diversas coincidências na fala das mulheres dos casos estudados com o referencial teórico, tanto no que tange à construção do bebê imaginário quanto com aos sentimentos trazidos pela descoberta do sexo, assim como a presença frequente da ambivalência afetiva, entre outros aspectos que se tornam destaques para futuros estudos a serem realizados.

O pesquisador “[...] propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno



de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugeridas pela leitura do material" (Minayo, 2007, p. 303). A pesquisa qualitativa possibilitou o confronto entre aspectos de ordem biológica com aspectos de ordem psíquica, somente possíveis de serem percebidos a partir a investigação das subjetividades dos sujeitos envolvidos no estudo. Esta contribuição traduz o que não pode ser quantificado ou mensurado no processo de gestação do bebê, que envolve não só a mãe como também todos ao redor, inclusive o pai. Cabe também enfatizar que a investigação qualitativa possibilitou a produção de sentidos para além do que estava proposto, ampliando dessa forma, a discussão da temática central.

Referências

- Braga, A. (2010). *Gravidez na adolescência* in Rezende, J. (10ª Edição) Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; p.1091-1098.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2006). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área técnica de Saúde da Mulher. *Pre-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada – Manual técnico do Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Consonni, E. B., Calderon, I. M. P., Consonni, M., & Rudge, M. V. C. (2006). *Aspectos Psicológicos na Gravidez e Parto*. *Femina*. Vol 31 nº 7.
- Costa, C. O. M., Lima I, C., Júnior, D. F. M., Santos, C. A. S., Araújo, F. P. O., & Assis, D. R. (2005) *Gravidez na adolescência e co-responsabilidade paterna: trajetória sociodemográfica e atitudes com a gestação e a criança*. *Ciência e Saúde Coletiva* 10 (3): 719-727.
- Faisal-Cury, A., & Tedesco, J. J. A. (2005). *Características psicológicas da primigestação*. *Psicol. estud.* Vol.10, n.3, pp. 383-391. ISSN 1413-7372. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a05.pdf>.
- Grigoletti, L. V. S. (2005). *A influência da ultra-sonografia na representação do filho imaginário – filho real*. *Rev. Psico* v. 36, n. 2, pp. 149-157, maio/ago.
- Ferrari, A. G., Piccinini, A.C., & Sobreira, L. R. (2007). *O Bebê Imaginado Na Gestação: Aspectos Teóricos e Empíricos*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 305-313, maio/ago.
- Meincke, S. K., & Carraro, T.E. (2009). *Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente*. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 18, n.1, p. 83-91.



- Minayo, M. C. de S., (2007). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde (10ª edição)*. São Paulo: Hucitec.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). *O Envolvimento Paterno durante a Gestação*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), pp.303-314.
- Rezende, J. (2010). *Obstetrícia (10ª Edição)*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Tedesco, J. J. A., & Filho, F. M. (1997). *Queixas comuns no pre-natal*. Material oferecido pela disciplina de Comunicação em Habilidades Médicas.